



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7224 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

**PRÁTICAS EDUCATIVAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO: FUNDAMENTOS NA DIREÇÃO DA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Luiz Jesus Santos Bonfim - UFPI - Universidade Federal do Piauí

### **PRÁTICAS EDUCATIVAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO: FUNDAMENTOS NA DIREÇÃO DA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

**Palavras-chave:** Práticas educativas. Emancipação humana. Educação do campo. Psicologia histórico cultural. Materialismo histórico dialético.

#### **1 INTRODUÇÃO**

A pandemia causada pelo Corona vírus (COVID-19) é um cenário oportuno para refletir sobre a sociabilidade vigente, marcada pelo consumismo e a exploração sem limites dos recursos naturais e do ser humano. Conforme Capra (2020), o vírus seria uma resposta biológica do planeta a essa exploração, sendo que as consequências da pandemia são ainda mais graves pelas desigualdades sociais e econômicas. Nessa direção, torna-se urgente pensar propostas alternativas à essa sociabilidade com vistas a sua superação sob o risco de estarmos colocando em perigo a própria existência humana.

Nesse sentido, propor propostas alternativas ao modelo societário vigente, passa inexoravelmente pela educação, por conseguinte, pela formação docente. No entanto, não se trata de qualquer educação, mas de um projeto formativo na direção da emancipação humana. Uma educação pensada nesse horizonte traz a possibilidade de construção de uma sociedade em que as necessidades verdadeiramente humanas sejam satisfeitas. Colocar isso como direção, contribui para superar as falsas necessidades do consumo sem limites e do trabalho explorado, aspectos que contribuem para a destruição do planeta e do próprio ser humano.

A educação do campo, em particular, aquela realizada em escolas famílias agrícolas, apresenta em sua organização curricular e didático pedagógica elementos, que potencializados em projetos de formação colaborativa, trazem possibilidades de desenvolvimento profissional e construção de propostas alternativas na direção da emancipação humana. Em face dessa realidade, questiona-se: que práticas educativas podem contribuir na direção da emancipação humana?

O artigo é um recorte da pesquisa bibliográfica que está sendo desenvolvida em processo de doutoramento e foi realizada com base nos aportes da Psicologia Histórico Cultural e do Materialismo Histórico Dialético com o objetivo de identificar fundamentos de

práticas educativas na direção da emancipação humana.

As práticas educativas neste artigo, inserem-se no âmbito das práticas sociais desenvolvidas tanto no espaço institucional, como fora dele. Dessa forma, abrem possibilidades de realização de atividades tanto em um sentido restrito, ou seja, relacionadas a atividades planejadas institucionalmente, ou relacionadas à prática social mais ampla, ou seja, na própria vida.

Dessa forma, além desta introdução, o presente artigo está organizado em uma seção, que trata das práticas educativas na direção da emancipação humana, dividida em três subseções: a relação trabalho e educação na formação do ser social; a realidade das práticas educativas na sociedade contemporânea e as possibilidades de atividades educativas em escolas famílias agrícolas na direção da emancipação humana. Na sequência, pontuam-se alguns aspectos conclusivos do presente texto.

## **2 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA DIREÇÃO DA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Para discutir a prática educativa na direção da emancipação humana é importante compreender aspectos concernentes à relação trabalho e educação na formação do ser social, bem como a realidade das práticas educativas na sociedade contemporânea, além discutir as possibilidades de práticas educativas em escolas famílias agrícolas na direção da emancipação humana.

### **2.1 A relação trabalho e educação na formação do ser social**

A relação trabalho e educação é um dos fundamentos da educação do campo, pensados a partir de uma pedagogia socialista de base marxista. Nessa perspectiva, o trabalho é compreendido como o aspecto que distingue os seres humanos de outros animais. Marx (2013), evidencia essa distinção ao comparar o trabalho do tecelão e do arquiteto as operações realizadas pela aranha e abelha. Conforme o filósofo alemão, o elemento distintivo em relação aos seres humanos, está na antecipação, que estes fazem, na mente do que vai ser produzido, antes mesmo da sua produção.

Essa projeção antecipada é produto das necessidades materiais impostas aos seres humanos, que vivendo inicialmente de forma gregária, ao transformarem a natureza, também se transformam na medida que a satisfação de necessidades imediatas geram outras necessidades. Nessa relação, o ser humano vai se complexificando, desenvolvendo instrumentos para intervir na natureza. Esses instrumentos, não só são materiais, mas psíquicos, como a consciência e a fala, historicamente desenvolvidos à medida em que o ser humano entra em atividade no mundo e com o mundo. Para Vigotski (2009, p. 396), “[...]o pensamento e a palavra não estão ligados entre si por um vínculo primário. Este surge, modifica-se e amplia-se no processo do próprio desenvolvimento do pensamento e da palavra.”

Vigotski (2000) esclarece que as mudanças complexas que vão ajudando a humanizar o ser humano ocorrem por meio das relações que os indivíduos estabelecem entre si e com a natureza, construindo assim sua própria história em sociedade e, por estas, sendo construído. Isso significa, que após o homo sapiens, em que estavam transcorridas as mudanças morfológicas realizadas por meio da atividade vital do trabalho, essas cessaram, ou tiveram variação limitada, ao passo em que as mudanças sócio-históricas evoluíram sempre em ritmo mais acelerado.

Consoante Marx (2007), essas mudanças foram ocorrendo em sociedade, ou seja, na relação dos seres humanos entre si, na qual a comunicação exerceu papel fundamental. Nesse

sentido, Leontiev (1978, p. 7) compreende a comunicação como condição necessária para o desenvolvimento sócio-histórico do ser humano. Isso ocorre, porque as conquistas necessárias para o desenvolvimento sócio-histórico:

[...] das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, **a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles.** Assim, a criança aprende a atividade adequada. **Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação.** (Destaque nossos).

Nestes termos, o psicólogo russo compreende a educação como um processo que atravessa e integra todo o decurso de formação do ser humano enquanto ser social, portanto, aspecto inextricável desse transcurso.

### 2.3 A realidade das práticas educativas na sociedade contemporânea

A presença imbricada da educação na formação do ser social, configurada nos processos de comunicação no decurso do desenvolvimento sócio-histórico, configura-a como prática social. Portanto, educação e práticas educativas são aqui compreendidas consoante Bandeira e Ibiapina (2014) como:

[...]prática educativa social, situada num determinado tempo e espaço. A educação é decorrente das relações entre os seres humanos, e, uma vez que o desenvolvimento social é tributário da consciência das produções que orientam a vida humana, a história da prática educativa está condicionada pela transformação dessas relações e produções consideradas adequadas a cada sociedade. (BANDEIRA; IBIAPINA, 2014, p. 108).

Dessa forma, compreende-se a prática educativa como uma prática social, podendo ser desenvolvida tanto em espaços institucionais especializados para esse fim, como em outros espaços e na própria vida.

Depreende-se então, que a educação se vincula às necessidades humanas e ao desenvolvimento das forças produtivas e da relação de produção para satisfazer essas necessidades. Dessa forma, nas comunidades primitivas a educação se realizava de forma difusa, confundindo-se com a reprodução da própria vida, portanto relacionada com a atividade vital do trabalho desempenhadas por todos os integrantes da sociedade.

Entretanto, com a complexificação das relações de produção os processos formativos passam a sofrer alterações. Assim, ao passo que ocorre a separação social do trabalho entre trabalho manual e trabalho intelectual, este último realizando funções dirigentes, uma classe fica sendo responsável por desempenhar as funções laborais manuais, enquanto a outra classe passa a ter tempo livre para atividades educativas separadas deste tipo de trabalho.

Com a contínua complexificação do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade, o trabalho manual que era realizado por todos os integrantes da sociedade, no decurso da história é realizado pelo escravo, depois pelo servo, pelo artesão até chegar no operário. No entanto, a partir da consolidação do capitalismo no século XIX, as necessidades laborais

passam a necessitar de um maior preparo, aspecto que impulsiona transformações nas práticas educativas.

Conforme Leontiev (1978), em meio a esse desenvolvimento, as atividades educativas se especializam, altera-se o tempo dedicado a educação, diferencia-se o trabalho do professor e do educador, são desenvolvidos métodos pedagógicos, da ciência pedagógica e criadas instituições de ensino.

Não obstante a esse processo, observa-se a partir desse período uma dualidade na educação institucional. Ao passo, que as camadas mais abastadas se educam para as funções dirigentes, a educação acessada pela maioria da população se limitava as exigências para a ocupação das atividades subalternas e quando muito, as funções burocráticas exigidas para o controle e organização de todo um sistema produtivo.

No cenário atual, conforme Saviani (2012), a educação atrela-se a uma perspectiva produtivista, isto é, diretamente vinculada a uma formação para atender os interesses do mercado de trabalho, portanto contribuindo para conservar a dualidade e as relações sociais de exploração. Portanto, até o presente momento, não se observam distinções essenciais nas práticas educativas desde a sua ampliação institucional.

### **2.3 Atividades educativas em escolas famílias agrícolas (EFAs) na direção da emancipação humana como possibilidade**

Em relação as práticas educativas institucionais, ou seja, aquelas desenvolvidas no âmbito da educação formal, devido as suas características, são mais suscetíveis ao controle e conseqüentemente, à reprodução da sociedade.

Nessa direção, ao refletir sobre a necessidade de uma educação libertadora para as classes populares, Freire (2013, p. 42-43), defende uma pedagogia do oprimido desenvolvida a partir dessa experiência com a educação popular no Brasil e comenta sobre os limites do seu desenvolvimento em nível institucional.

Se, porém, a prática desta educação implica o poder político e se os oprimidos não o têm, como então realizar a pedagogia do oprimido antes da revolução?  
Ainda que não queiramos antecipar-nos, poderemos, contudo, afirmar que um primeiro aspecto desta indagação se encontra na distinção entre educação sistemática, a que só pode ser mudada com o poder, e os trabalhos educativos, que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização.

O educador recifense assevera os limites de uma educação institucional na direção da emancipação ao tempo em que coloca a possibilidade do seu desenvolvimento em atividades educativas para além dos limites da educação formal.

Ainda sobre os limites da educação institucional, Meszáros (2008) dá ênfase as práticas educativas não formais, relacionando-as a própria vida e desenvolvida de forma contínua. Usando uma metáfora do poeta cubano José Martí, o filósofo húngaro representa os limites da educação formal, comparando-a a uma prisão. Portanto, “as grades da escola” limitavam a educação que só poderia existir em sua possibilidade de formar para emancipação humana na própria vida.

Na esteira de Meszáros e outros teóricos que enfatizam os limites da educação formal

numa sociedade dividida em classes sociais, Tonet (2012) propõe as atividades educativas de caráter emancipatório como possibilidade de caminhar na direção da emancipação humana. Nessa perspectiva, ao colocar a categoria possibilidade para as atividades educativas, alerta sobre os obstáculos de se pensar em ações institucionais e investir nos objetivos dessas atividades. Em outras palavras, a abrangência não importa, o que importa é o rumo que essas atividades podem assumir, já que o pouco na direção correta é mais importante que o muito na direção equivocada.

No entanto, mesmo com essas limitações, a educação formal ainda guarda possibilidades significativas para contribuir na construção de projetos na direção da emancipação humana. No caso das escolas famílias agrícolas, de forma contraditória, é exatamente na sua organização curricular, metodológica e didática, ou seja, nos seus limites institucionais, que residem germes de atividades educativas como possibilidades a serem exploradas.

Uma dessas possibilidades apresenta-se na pedagogia da alternância[1]. Nessa forma de organização, os discentes passam períodos de quinze dias na escola e igual período nas suas comunidades. Nesse processo, uma série de instrumentos são produzidos para que os conhecimentos elaborados no tempo escola possam ser levados às comunidades (tempo comunidade). Portanto, trata-se de um rico processo de articulação da educação formal com o trabalho e a cultura no campo, ou seja, com a vida.

Ao articular elementos formativos de uma prática social mais ampla no tempo comunidade (processos de trabalho, cultura) com elementos relacionados ao conhecimento sistematizado, ou seja, uma prática social restrita, essa forma de organização relaciona-se com fundamentos da proposta metodológica da Pedagogia Histórico Crítica (PHC).

A PHC, conforme Saviani (2008), compreende a educação escolar em uma perspectiva do materialismo histórico dialético, em outras palavras, na sua relação dialética com a prática social mais ampla, ou seja, com a própria vida. Portanto, entende a importância do acesso ao conhecimento produzido no decurso do desenvolvimento histórico social humano ao passo que também valoriza o contexto, a prática social mais ampla. Esse movimento, conforme o autor, é fundamental para passagem de uma consciência sincrética para uma consciência sintética.

Nesse contexto, a PHC coaduna-se com as propostas críticas de formação, indo ao encontro dos fundamentos da educação do campo. No âmbito da construção e ampliação da sua proposta educativa, Saviani (2008) defende como fundamental a relação entre trabalho e educação, que seria a associação entre a apropriação da tecnologia com as diversas ciências, arte e atividades físicas.

Nas EFAs, o currículo está organizado de forma integrada, em outras palavras, na articulação entre formação técnica na área de agropecuária e ensino médio. Esse tipo de organização curricular, oportuniza articular trabalho e educação, ou seja, integra tanto uma formação tecnológica como uma formação geral nas demais áreas.

Assim, o contexto das EFAs abre-se como espaço importante para o desenvolvimento de propostas de formação colaborativas com educadores centradas em atividades educativas na direção da emancipação humana, principalmente por apresentar uma forte articulação entre escola e vida.

Nesse sentido e fundamentados na concepção de homem como ser sócio-histórico (VIGOTSKI, 2000; LEONTIEV, 1978); nas propostas de atividades educativas de caráter emancipatório (TONET, 2014) e de uma prática educativa para uma passagem de uma

consciência sincrética para uma consciência sintética (SAVIANI, 2008), apresentamos de forma introdutória, alguns fundamentos, ainda em delineamento, que devem estar presentes nessas atividades educativas na direção da emancipação humana:

- Leitura de conjuntura (situa aspectos do contexto mais próximo a aspectos particulares e ao contexto mais amplo da sociedade como a questão da luta dos trabalhadores do campo com a luta de todos os trabalhadores);
- Conhecimento científico na área de atuação (tecnologia, arte, ciências humanas e naturais, linguagens);
- Formação de habilidades complexas que humanizam os indivíduos (pensamento, linguagem, criatividade, cognição, afetividade, sociabilidade, formação de conceitos, etc.)

### 3 DELINEAMENTOS CONCLUSIVOS

Por se tratar de um estudo em construção, os elementos para encaminhar aspectos conclusivos acerca de uma prática educativa na direção da emancipação humana, ainda estão em esboço. Contudo, alguns aspectos introdutórios começam a se delinear.

O primeiro aspecto, diz respeito a importância de se considerar atividades educativas desenvolvidas para além do espaço institucional. Conforme os estudos até agora realizados, essas atividades guardam o potencial de ultrapassar “as grades da escola”.

No entanto, o segundo aspecto introdutório delineado nesse estudo, é que ao reconhecer esses limites não se elimina a possibilidade da realização de atividades educativas na direção da emancipação no contexto escolar.

Com efeito, ao analisar esses dois aspectos, o encaminhamento inicial seria uma forma associativa a ser construída a partir dessas duas abordagens. Esse encaminhamento se sustenta no fato da fundamentação comum dessas propostas de atividades educativas serem erigidas na relação de uma educação com a própria vida. Em outras palavras, ao relacionar a prática social escolar às práticas sociais mais amplas, abrimos a possibilidade de enriquecer essa formação com elementos técnicos, científicos, sem perder o caráter contestatório e organizativo presente e necessário nos momentos de crise e transição.

Portanto, ao se pensar nas peculiaridades da organização curricular e didático pedagógico de escolas famílias agrícolas, percebemos essas possibilidades se ampliarem ainda mais. Nesse sentido, propor projetos colaborativos de formação docente no âmbito dessas instituições, se torna ainda mais desafiador. Esse desafio se torna ainda maior ao analisar o contexto societário mais geral, atravessado por uma barbárie progressiva, que coloca sob risco a própria humanidade.

### 4 REFERÊNCIAS

BANDEIRA, H. M. M.; IBIAPINA, I. M. L. M. Prática educativa: entre o essencialismo e a práxis. **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 42, p. 107-117, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/1031/711>. Acesso em: 15/07/2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da economia política**: São Paulo: Boitempo, 2007.

MENA, F. Pandemia é resposta biológica do planeta. Entrevistado: CAPRA, F. **Folha de São Paulo**, São Paulo. ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fronteiras-do-pensamento/2020/08/pandemia-e-resposta-biologica-do-planeta-diz-fisico-fritjof-capra.shtml>. Acesso em 10/08/2020.

MESZÁROS, S. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

TONET, I. **Educação contra o capital**. 2. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

VIGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. **Manuscritos de 1929**. Edu. Soc. [on line], 2000, vol. 21, n 71, PP. 21-44. ISSN. 0101-7330.

---

[1] Criada nas primeiras décadas do século XX na França a Pedagogia da Alternância foi pensada para oportunizar pessoas residentes no campo a frequentar a escola. Essa forma de organizar os tempos e espaços da formação institucional foi trazido para o Brasil na década de 1960 e implantado nas escolas famílias agrícolas.